

HIPNOSE - CONSIDERAÇÕES ATUAIS

A indução de estados de "transe" com efeitos curativos vem desde a Antigüidade, geralmente misturados com a magia e/ou com o misticismo.

A Hipnose científica tem suas origens com a tese de Mesmer, em Viena (1766), o qual induzia o estado de transe para a cura de diversos transtornos psicossomáticos e também para a analgesia e anestesia.

O mesmerismo (magnetismo) teve a sua primeira evolução com o Abade Faria (1813) e depois com Braid (1854), que não aceitavam que o estado de transe dependesse da existência de um fluido magnético, mas sim da fadiga sensorial, que conduziria a um estado de "sono" que Braid denominou neuro-hipnotismo (sono nervoso).

No final do século passado, Charcot e Bernheim polarizaram as discussões científicas em torno de suas teorias: fenômeno histórico (Escola de Paris) ou fenômeno fisiológico e sugestivo (Escola de Nancy).

O advento da Psicanálise de Freud, de um lado, e o aparecimento da anestesia química, de outro, fizeram com que a Hipnose caísse no esquecimento, ficando relegada a demonstrações de palco. Pavlov, com a reflexologia, e os psicólogos anglo-saxônicos, com suas teorias fisiológicas, mantiveram-na viva em seus laboratórios.

Com a Segunda Guerra Mundial houve a necessidade de abreviar as psicoterapias e suprir a falta de anestésicos, o que provocou o ressurgimento da Hipnose. Seu papel científico foi consolidado pelos relatórios das associações Médica Britânica, Americana, Psiquiátrica Americana e Canadense, em um curto período, de 1955 a 1963.

A The International Society of Hypnosis é uma sociedade filiada à World Federation for Mental Health. As inúmeras publicações existentes nos últimos 40 anos, nas mais renomadas revistas médicas e psicológicas, trouxeram a integração total da Hipnose científica.

Antônio Carlos Moraes Passos - Médico
Membro da Associação Brasileira de Psiquiatria